

Encontremos nossos diamantes perdidos | Carta semanal 6 (2025)



Umar Rashid (EUA), *Eu estava sonhando quando escrevi isso. Perdoe-me se eu me extraviar. A canção dos*

quatro companheiros começa no Sahel na presença dos marabus. Pandora vem do norte. O Harmattan se aproxima e acena as tempestades e guerras que virão, 1799, 2023.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Donald Trump retornou à Casa Branca fazendo barulho. Sua equipe soltou uma ordem executiva atrás da outra, que foram assinadas com floreio; pegou o telefone para latir ordens aos dinamarqueses, panamenhos e colombianos, exigindo isso, aquilo, e aquela outra coisa... Coisas que ele acha que os Estados Unidos merecem.

Na história, segundo Trump, os EUA já tiveram uma Era de Ouro. Ele agora é o símbolo de sua ansiedade. Seu slogan, “Make America Great Again” [Tornar a América grandiosa novamente], não disfarça a preocupação sobre seu colapso: *torná-la grandiosa novamente*, diz ele, porque *já não é mais* tão grandiosa, *e deveria ser, e eu a farei grandiosa*. Seus seguidores sabem que pelo menos ele foi honesto em sua avaliação do declínio. Muitos deles conseguem sentir isso em suas contas bancárias, esgotadas para alimentar suas famílias, e podem ver isso na infraestrutura desmoronada que os cerca. Cristais de metanfetamina e fentanil anestesiavam a dor enquanto as **novas canções** dos Estados Unidos lamentam a incerteza, como até mesmo *dreams are wearing thin* [os sonhos estão definhando]. Um jato de passageiros colide com um helicóptero do exército, e Trump no púlpito da sala de imprensa da Casa Branca culpa o acidente nas contratações de diversidade. Gênios precisam estar no computador de controle de tráfego aéreo, diz ele. Mas o homem que estava na mesa naquela noite estava fazendo o trabalho de dois por causa de cortes implacáveis que começaram décadas antes, com a descertificação sindical da Organização de Controladores de Tráfego Aéreo Profissionais (PATCO) por Ronald Reagan em 1981. Foi Reagan quem primeiro apresentou ao mundo o slogan de Trump, “make America great again”.

A realidade é terrível. É muito mais fácil se entregar à fantasia. Trump é o mágico que exerce essa fantasia. Tudo se deteriorou — não por causa do ataque aos sindicatos, da austeridade que se seguiu ou da ascensão dos rapazes da tecnologia, cuja parcela do excedente social é escandalosa e que estão em greve fiscal há décadas. A fantasia de Trump é incoerente. De que outra forma Trump poderia ter elevado Elon Musk, o símbolo do declínio, a ser o agente de transformação para uma nova Era de Ouro?



Chéri Chérin (República Democrática do Congo), *O caminho do exílio*, 2004.

Há loucura, sim. Mas o imperialismo sempre foi tingido de loucura. Centenas de milhões de pessoas das Américas à China foram mortas ou subjugadas para que uma pequena parte do mundo – o Atlântico Norte – pudesse enriquecer. Isso é loucura. E funcionou. Continua a funcionar, até certo ponto. A estrutura neocolonial do capitalismo permanece intacta. Quando um país na África, Ásia, América Latina ou nas Ilhas do Pacífico tenta afirmar sua soberania, ele é defenestrado. Golpes, assassinatos, sanções, roubo de riqueza – esses são apenas alguns dos instrumentos usados para prejudicar qualquer tentativa de soberania. E essa estrutura neocolonial é mantida por causa da **divisão internacional da humanidade**: algumas pessoas continuam a pensar que são superiores a outras. Em nosso estudo sobre o **Hiperimperialismo**, mostramos que os países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) Plus são responsáveis por mais de 74% dos gastos militares globais. Enquanto a China responde por 10% e a Rússia por 3%, ainda assim ouvimos que China e Rússia são as ameaças, em vez da Otan, que, liderada pelos Estados Unidos, é de fato a instituição mais perigosa do mundo. A Otan destruiu países inteiros (Iugoslávia, Afeganistão e Líbia, por exemplo) e agora ameaça cavalheirescamente com guerras contra países que têm armas nucleares (China e Rússia). Trump grita para o vento:

Queremos o Canal do Panamá.

Queremos a Groenlândia.

Queremos chamar [o Golfo do México] de Golfo da América.

Por que essas demandas deveriam ser uma surpresa? O Panamá fazia parte da República da Grã-Colômbia desde 1821, quando a região – sob a liderança de Simón Bolívar (1783–1830) – se separou do Império Espanhol. O interesse em construir um canal por meio do istmo do Panamá para encurtar as rotas marítimas entre os oceanos Atlântico e Pacífico – e cortar a longa jornada pela América do Sul – se desenvolveu no início do século XX, décadas após a Grã-Colômbia se dissolver no que hoje é o Panamá, Venezuela, Colômbia e Equador. Em 1903, a intriga da França e dos Estados Unidos, e uma intervenção da Marinha dos EUA, levaram à secessão do Panamá da Colômbia. O novo governo panamenho deu aos Estados Unidos a Zona do Canal do Panamá, o que significou controle total do istmo de 1903 a 1999, quando os EUA “devolveram” o canal à jurisdição panamenha. Tenha em mente que em 1989, quando seu antigo agente da CIA, Manuel Noriega, não os agradava mais, os EUA invadiram o Panamá, capturaram Noriega e o prenderam em Miami, Flórida, antes de soltá-lo para morrer na Cidade do Panamá em 2017. O atual presidente do Panamá, José Raúl Mulino, entrou no governo pela primeira vez durante a administração de Guillermo Endara, que foi empossado em uma base militar dos EUA em 1989, quando Noriega foi levado para a Flórida. Esses homens estão intimamente familiarizados com a maneira proprietária como os Estados Unidos olham para suas terras. Não é apenas Trump que “quer” o Canal do Panamá; é toda a história do tratamento dos EUA à América Latina – da **Doutrina Monroe** até hoje – congelada em uma frase: *queremos o Canal do Panamá*.

A memória é frágil. Ela é moldada repetidamente por meias-verdades e evasões. Abaixo da realidade superficial dos eventos, encontram-se estruturas mais profundas que influenciam as coisas como as vemos. Velhas ideias coloniais de benevolência ocidental e selvageria nativa irrompem na superfície no momento da interpretação.



Hafidh Al-Droubi (Iraque), *Café Cubista*, 1975.

Em 2004, um ano após os Estados Unidos e seus aliados começarem uma guerra de agressão contra o Iraque, o Secretário-Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, foi entrevistado por Owen Bennett-Jones da BBC. Parte dessa **conversa** foi sobre a guerra no Iraque:

Owen Bennett-Jones (OBJ): Então, você não acredita que havia autoridade legal para a guerra?

Kofi Annan (KA): Eu declarei claramente que [a guerra] não estava em conformidade com o Conselho de Segurança, com a Carta da ONU.

OBJ: Era ilegal?

KA: Sim, se você preferir.

OBJ: Era ilegal?

KA: Sim, indiquei que não está em conformidade com a Carta da ONU. Do nosso ponto de vista e do ponto de vista da Carta, era ilegal.

Se a guerra fosse ilegal, então deveria ter havido consequências. Esse deveria ter sido o **propósito** do Tribunal

de Nuremberg de 1945-1946. O excesso de mortes devido àquela guerra agora ultrapassa **facilmente** um milhão de pessoas, com outros milhões impactados negativamente pela destruição da infraestrutura. Se fosse tratada como uma guerra de agressão, seus arquitetos (George W. Bush e Tony Blair) seriam capazes de viajar pelo mundo com seus sorrisos de mil dólares e seus ternos elegantes sob medida? Eles não enfrentaram mandados do Tribunal Penal Internacional, nem seus países foram levados ao Tribunal Internacional de Justiça para enfrentar uma audiência. Bush enfrentou os **sapatos de Muntadhar al-Zaidi** em 2008 quando foi a Bagdá, enquanto Blair, no Inquérito da Guerra do Iraque em 2012, foi surpreendido por David Lawley-Wakelin, que saiu de trás de uma cortina e **disse**: “Este homem deve ser preso por crimes de guerra”. Nem os sapatos atingiram Bush, nem Blair foi preso. Agora, Blair se transformou em um pacificador e Bush se transformou em um estadista mais velho.

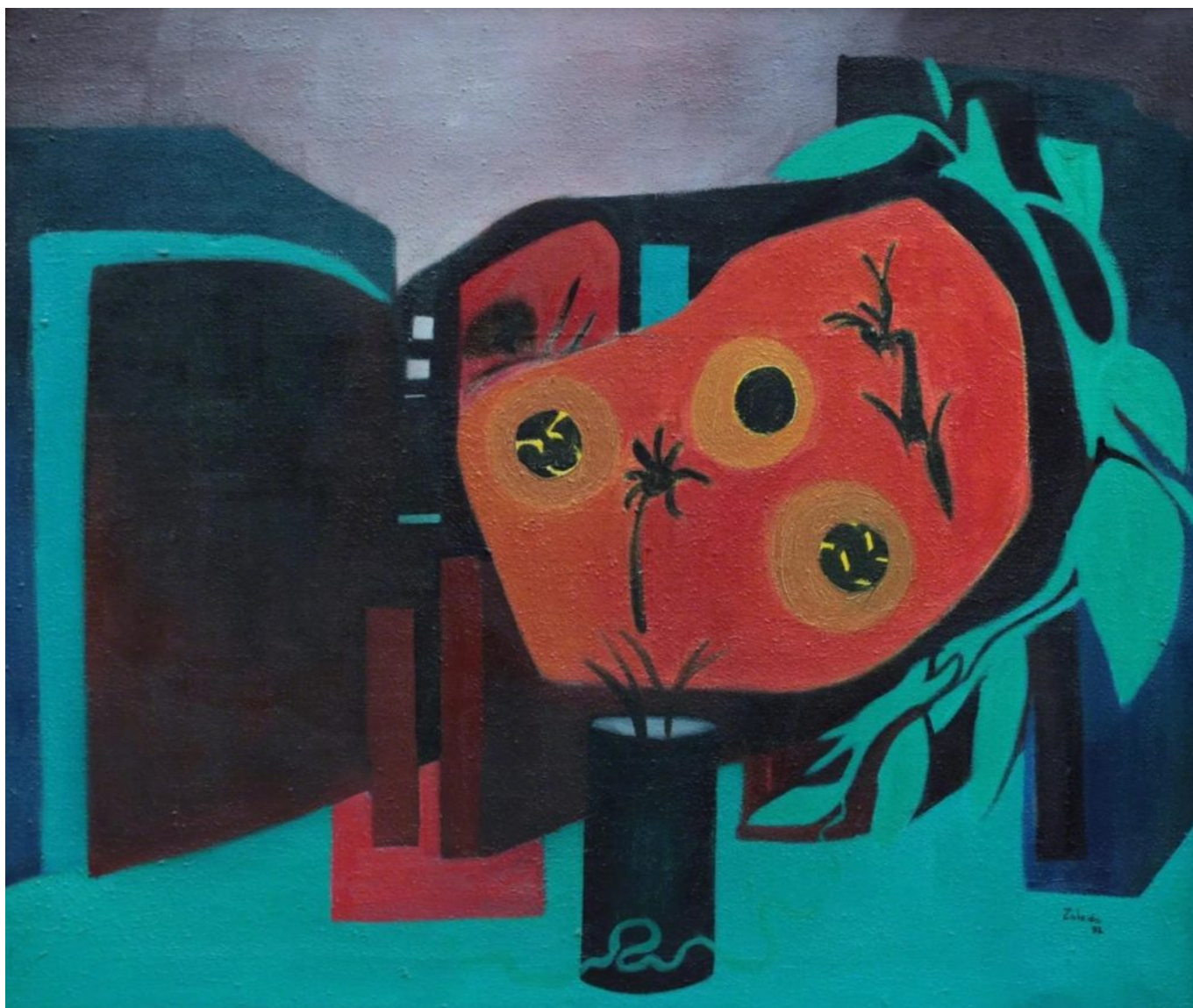


Tetsuya Fukushima (Japão), *sem título (um círculo vermelho)*, 2015.

Na declaração de abertura de três horas do Juiz Robert Jackson no Tribunal de Nuremberg em 1945, ele **disse**:

A civilização pergunta se a lei é tão lenta a ponto de ser totalmente impotente para lidar com crimes dessa magnitude por criminosos dessa ordem de importância. Ela não espera que você possa tornar a guerra impossível. Ela espera que sua ação jurídica coloque as forças do direito internacional, seus preceitos, suas proibições e, acima de tudo, suas sanções, do lado da paz, para que homens e mulheres de boa vontade, em todos os países, possam ter “permissão para viver sem a permissão de ninguém, sob a lei”.

O verso que o Juiz Jackson citou é do poema de Rudyard Kipling “The Old Issue” (1899), que foi amplamente lido na década de 1940. Dois anos antes da declaração de abertura de Jackson, o Primeiro-Ministro Britânico, Winston Churchill, citou o mesmo poema em seu **discurso** na Universidade de Harvard para enfatizar que há “concepções comuns do que é certo e decente” que dotaram os humanos de “um sentimento severo de justiça imparcial... ou como Kipling colocou: ‘viver sem a permissão de nenhum homem, sob a lei’”. A concepção de Churchill do que era “certo e decente” é resumida em sua visão, duas décadas antes, quando, lidando com a rebelião curda no norte do Iraque, ele **escreveu** que era “fortemente a favor do uso de gás envenenado contra tribos incivilizadas”.



Zubeida Agha (Paquistão), *Urban Landscape*, 1982.

Valeria a pena mudar a ênfase de Nuremberg, que é relativamente bem conhecida, para os julgamentos de crimes de guerra menos conhecidos em Tóquio. Lá, o tribunal decidiu punir lideranças militares cujas tropas cometeram atrocidades. O general Tomoyuki Yamashita comandou o Décimo Quarto Grupo de Exército do Exército Imperial Japonês, que operou amplamente nas Filipinas. Após sua rendição, o general Yamashita foi acusado de permitir que suas tropas cometessem atrocidades contra civis e prisioneiros de guerra. Ele foi executado em 23 de fevereiro de 1946. Ninguém alegou que o general Yamashita infligiu pessoalmente dor a alguém: ele foi acusado de “responsabilidade de comando”. Em 1970, o principal promotor militar em Nuremberg, Telford Taylor, refletiu que “não havia nenhuma acusação que o general Yamashita tivesse aprovado, muito menos ordenado essas barbaridades, e nenhuma evidência de que ele soubesse delas além da inferência que ele deve ter por causa de sua extensão”. Ele foi enforcado porque, como o tribunal de Tóquio observou, o general Yamashita “falhou em fornecer controle efetivo de suas tropas conforme exigido pelas circunstâncias”. Taylor escreveu estas palavras em seu livro *Nuremberg and Vietnã: uma tragédia americana*, agora há muito esquecido, no qual ele defendeu não apenas a acusação contra políticos e generais dos EUA, mas também contra aviadores dos EUA que bombardearam alvos civis no norte do Vietnã por terem

participado do crime de “guerra agressiva” da era de Nuremberg.



Mohammed al-Hawajri (Gaza, Territórios Palestinos Ocupados), *sem título*, da série *Verão em Gaza*, 2017.

Em meados de janeiro, Alex Morris, do *Declassified UK*, **confrontou** o general israelense Oded Basyuk quando este estava a caminho de se encontrar com o Ministério da Defesa do Reino Unido e o Royal United Services Institute. O general Basyuk supervisionou o genocídio de palestinos e está sendo investigado por crimes de guerra pelo Tribunal Penal Internacional. No entanto, lá estava ele nas ruas de Londres a caminho de se encontrar com altos oficiais do exército do Reino Unido. Os mandados do TPI contra o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu foram anulados pela **Polônia** e pelos Estados Unidos, transformando os Tribunais de Nuremberg e Tóquio em pó. Infelizmente, os *Princípios das Nações Unidas para Combater a*

Impunidade (2005) não são juridicamente vinculativos.

Sangue correrá pelas avenidas em algumas partes do mundo. Champanhe encherá as taças em outras.

Em 1965, durante a guerra entre a Índia e o Paquistão, Faiz Ahmed Faiz escreveu um poema chamado “Blackout”:

Desde que nossas luzes se apagaram
Eu tenho procurado uma maneira de ver;
meus olhos estão perdidos, Deus sabe onde.

Você que me conhece, diga-me quem eu sou,
quem é um amigo e quem é um inimigo.
Um rio assassino foi liberado
em minhas veias; o ódio corre nele.

Seja paciente; um relâmpago virá
de outro horizonte como a mão branca
de Moisés com meus olhos, meus diamantes perdidos.

Encontremos nossos diamantes perdidos.

Cordialmente,

Vijay